



## Destaque 26º Aniversário do Económico

# O passado e o futuro visto por 64 personalidades

Na tropa, a vender gelados, a estudar, a viajar, em Portugal ou no estrangeiro. As histórias são tão díspares quanto interessantes. As 64 personalidades que responderam às duas questões que o Económico colocou fizeram uma dupla viagem no tempo: recordaram peripécias dos seus 26 anos e tentaram antecipar como será o país ou as suas empresas em 2041. Um país mais moderno, vencedor dos desafios de um mundo mais global, um local aprazível para viver, um país de iguais, que sabe cuidar dos seus cidadãos, uma nação de empreendedores é assim que a maioria deseja que Portugal seja dentro de 26 anos. Se uns acreditam que o projecto europeu se aprofundou outros questionam se ainda existirá. Até a hipótese de uma guerra é equacionada. Adivinhar é impossível, mas certamente que não teremos drones a passear cães, nem roupa que fala connosco e seca em cinco segundos.

## 1 O que estava a fazer quando tinha 26 anos?

## 2 Onde vê a sua empresa e/ou o país daqui a 26 anos?



### AMÉRICO AMORIM

CEO do Grupo Amorim

**1** Quando tinha 26 anos já estava a trabalhar no grupo Amorim.

**2** Para quem tem 63 anos de grupo Amorim essa pergunta não tem uma resposta fácil. Vejo o grupo a evoluir da mesma forma que o tem feito nestes últimos 63 anos. E, portanto, a manter-se um grupo relevante na economia portuguesa, aliás os indicadores actuais não revelam outra coisa.

### PAULO VARELA

Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Portugal/Angola

**1** Quando tinha 26 anos estava a iniciar a minha vida profissional, na altura, na Visabeira e já estaria a trabalhar em Moçambique como director-geral de uma das empresas do grupo.

**2** Espero continuar a fazer o que tenho feito: ajudar as organizações, neste caso a Galp, a desenvolver o seu negócio, especialmente em termos internacionais e em particular na África Austral, que é onde tenho mais experiência e conhecimento.



### PEDRO SOARES DOS SANTOS

CEO do grupo Jerónimo Martins

**1** Aos 26 anos, era vendedor de gelados da Olá. Trabalhava, portanto, no departamento de catering da Iglo-Olá e passava os meus dias a visitar os clientes de restauração e a angariar novos clientes.

**2** Aos 91 anos, espero estar cá para ver que Portugal conseguiu posicionar-se como a Califórnia da Europa. Isso significará que foi capaz de gerar os consensos necessários para fazer as reformas estruturais que pre-



cisam de ser feitas e que se libertou dos complexos de inferioridade que sempre marcam os países de forte emigração. Quanto ao Grupo que hoje lidero, espero poder vê-lo por essa altura, a aproximar-se, com confiança, dos 100 mil milhões de euros de facturação. E, a título muito pessoal, dar-me-ia grande satisfação que as novas gerações da nossa família mantivessem o amor e o respeito por este negócio com que eu e os meus irmãos fomos educados. Se, entretanto, o Sporting conseguir ganhar duas ligas de campeonos europeus e Portugal pelo menos um Campeonato do Mundo, então já poderia partir completamente realizado.



### MANSO NETO

Presidente da EDP Renováveis

**1** Tendo começado a trabalhar logo após ter terminado a licenciatura, tive a sorte de ter integrado os quadros do melhor e maior banco comercial da altura - o Banco Português do Atlântico - que manteve sempre o seu estatuto de grande escola. Não só porque integrei essa escola, como também porque continuei a estudar no pós-laboral e ainda porque tive a sorte de integrar a área mais dinâmica e aberta do BPA (a direcção internacional) os meus primeiros anos de carreira - e em particular quando tinha 26 anos - permitiram-me ter tido uma evolução contínua que esteve na base do facto de estar preparado para, muito poucos anos depois, viver e contribuir para a grande mudança que a partir do final dos anos 80 determinou a evolução da sociedade e dos mercados financeiros em Portugal.

**2** A EDP tem ao longo dos anos sido capaz de não só adaptar-se mas, sobretudo, antecipar o futuro, evoluindo do papel de mero incumbente tradicional em Portugal para uma posição de liderança

mundial nas energias renováveis, sem, contudo, ter perdido as suas qualidades fundacionais e mantendo e reforçando a sua presença junto dos clientes e demais 'stakeholders' nos mercados onde somos operadores integrados (Portugal, Espanha e Brasil). Sendo cada vez mais evidente que as renováveis - porque sustentáveis e competitivas economicamente - estarão cada vez mais presentes na nossa vida, é inquestionável a bondade das opções seguidas. Mas naturalmente, tal como fizemos no passado, não poderemos ficar acomodados com o que temos hoje, sendo decisivo que a EDP e a EDPR continuem a antecipar as novas tendências, sendo, em particular, capazes de seleccionar em que tecnologias e mercados apostar, de antever as necessidades de amanhã dos clientes, tudo isto num contexto de respeito dos princípios de uma correcta gestão de risco e solidez financeira. Estou confiante de que a cultura - cada vez mais multinacional - de rigor, honestidade e inovação que constituiu o ADN da EDP e da EDPR criará condições para que dentro de 26 anos se possa novamente fazer um diagnóstico de optimismo sustentado.



## ANTÓNIO MOTA

Presidente do grupo Mota-Engil

**1** Quando tinha 26 anos devia estar a trabalhar na Mota & Companhia algures entre o Mondego e Angola.

**2** Quanto ao futuro vejo o grupo Mota-Engil com uma situação de crescimento, muito estável na América Latina, com África a assumir-se como um continente onde começa a haver uma estabilidade sistemática e na União Europeia espero que a igualdade seja uma realidade para todos.

## HUMBERTO PEDROSA

Presidente do Grupo Barraqueiro

**1** Estávamos em 1973. O meu pai tinha adquirido a empresa Barraqueiro seis anos antes. Foi o ano em que fiz a minha primeira aquisição: a empresa Henrique Leonardo Mota. Posso dizer que este ano marcou o início do crescimento do Grupo Barraqueiro. Sentia-me cheio de força. Queria muito vencer na vida e estava a fazer o que gostava. No ano seguinte aconteceu o 25 Abril. Foram tempos difíceis, para mim e para todos os empresários. Passámos todos um mau bocado. No entanto, atendendo à redução da dimensão da empresa na altura, e com muito esforço e determinação, conseguimos ultrapassar a tempestade e vencer.

**2** Daqui a 26 anos espero cá estar para testemunhar o dinamismo do Grupo Barraqueiro para continuar a garantir a mobilidade aos milhões de portugueses que nos procuram. Espero ver a TAP uma grande companhia que seja o meu orgulho e de todos os portugueses.



## MANUEL VIOLAS

Presidente do grupo Solverde

**1** O mais importante: estava a iniciar o namoro com a minha mulher. E a começar a trabalhar no grupo, na Cotesi, como assistente comercial.

**2** Espero que os veja [grupo e país] da mesma forma que agora, isto é, com saúde. Daqui a 26 anos já os jovens estarão com vontades e ideias. Espero que isso venha a acontecer. Que um dia comecem a trabalhar no gru-

po. Os meus dois filhos já trabalham. O rapaz numa multinacional, em Lisboa. A rapariga está num curso de pós-graduação no mundo da moda.



## MÁRIO VAZ

CEO da Vodafone Portugal

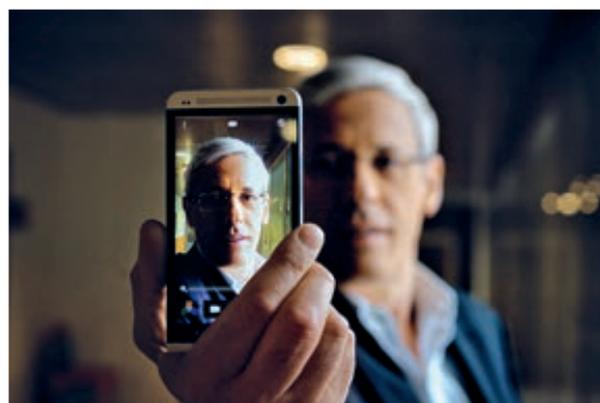
**1** Com 26 anos, tinha tomado uma decisão que se viria a revelar decisiva para o que faço hoje. Havia desistido, de vez, da minha potencial carreira como advogado, cuja licenciatura tinha terminado dois anos antes, optando por seguir um caminho que havia iniciado com 18 anos, enquanto aprendiz de vendedor numa loja de equipamento electrónico.

Na altura, já com sete anos de contacto com o mundo profissional, depois de ter passado pela enriquecedora experiência de vendedor de antenas de televisão, numa altura em que a emissão a cores era a grande revolução no sector; e de ter feito parte da geração pioneira na comercialização dos primeiros PC em Portugal, que incluiu o histórico período da democratização da informática, com os hoje museológicos Timex, em 1988 estava a aprender os primeiros passos sobre liderança, no exercício da função de responsável de um novo escritório comercial em Lisboa, de um grande distribuidor de electrodomésticos, hoje já desaparecido do panorama empresarial português - a SGO, SA (Santos Guimarães & Oliveira). Os meus 26 anos foram, pois, marcados pela experiência de um casamento recente; pelo desafio de abdicar de uma carreira, na qual tinha investido cinco anos de preparação teórica na Universidade Clássica de Lisboa e experimentava as dores, mas também o gozo, de liderar e acima de tudo alinhar equipas para um objectivo comum e ambicioso. Aos 26 anos de idade estava longe de

perceber o quanto essa fase da minha vida ia ser relevante para os próximos 26. Ao fazer esta retrospectiva, a pedido do Económico, concluo que afinal temos algo em comum. Aos 26 anos, eu e o Diário Económico partilhámos a mesma abertura à assunção de riscos; à vontade de aprender e experimentar coisas novas. É bom ter 26 anos, mas diz-me a experiência que ter 52 é ainda melhor porque podemos olhar para trás e sentirmo-nos orgulhosos do que fizemos. Que assim seja também para o Económico.

**2** 26 anos é muito tempo, especialmente no nosso sector, onde tudo acontece a uma velocidade vertiginosa. Mas uma coisa é certa, a Vodafone Portugal está preparada para enfrentar o futuro e tenho a certeza que continuaremos a escrever a história das telecomunicações em Portugal e a liderar na satisfação dos clientes. Fomos pioneiros no lançamento de todas as novas tecnologias, tendo recentemente testado com sucesso na nossa rede móvel, an-

tecipando a chegada do 5G, velocidades acima dos 600 Mbps, ao mesmo tempo que na nossa rede de fibra de última geração já entregamos velocidades de 1Gbps; inovámos no desenvolvimento de soluções e aplicações, que ainda hoje são imprescindíveis no dia-a-dia dos nossos clientes, tais como o acesso à internet a partir do telemóvel; democratizámos o acesso ao serviço de TV e fomos mais além, com o lançamento do primeiro canal em 4K e com a possibilidade de ver televisão a partir de um simples relógio de pulso. Dentro do Grupo Vodafone somos vistos como pioneiros e um exemplo em muitas áreas. Temos colaboradores qualificados e competentes, somos movidos pela paixão pela inovação e temos uma enorme vontade de fazer mais e melhor, sempre com total enfoque no cliente e na sua satisfação. Por todas estas razões, não podia estar mais optimista pois sei que, independentemente dos anos que passarem, a Vodafone vai continuar a entregar a melhor experiência de telecomunicações em Portugal.



## FERNANDO PINTO

CEO da TAP

**1** Em 1975, então com 26 anos, estava de visita às instalações de manutenção da TAP. Nessa altura já trabalhava na Varig.

**2** A TAP estará a fazer voos suborbitais para várias capitais do mundo, colocando Portugal à distância de menos de 1h30 de qualquer destino no mundo.



ID: 61611941

29-10-2015

## 1 O que estava a fazer quando tinha 26 anos? / 2 Onde vê a sua empresa e/ou o país daqui a 26 anos?

### FILIPE DE BOTTON CEO da Logoplaste

**1** Tive a sorte de começar a trabalhar como representante de um Banco Francês - o Crédit du Nord - ainda estava nos bancos da Católica mais precisamente no terceiro ano da mesma. Aos 26 anos trabalhava na área financeira e estávamos a iniciar a constituição da Interfinança, fruto de representar em Portugal com mais três Bancos Internacionais (Banque Bruxelles Lambert, Hypobank e Sabadell) além do Crédit du Nord e termos uma atuação muito significativa nos mercados de capitais. Tudo era diferente em Portugal, sobretudo, nas comunicações, nos media, na informação, até na forma como se transaccionavam as acções na Bolsa que eram em "papel!" e numeradas !! Trabalhava no Bairro Azul em Lisboa e vivíamos uma época em que ainda havia tempo "para tudo" - fax, mails e Smart Phones ainda não tinham sido inventados (vivía-se no paraíso!).

**2** Fazer futurologia a 26 anos é (quase) ao nível da piada! Da forma como os nossos políticos brincam com o nosso país, e conosco portugueses de passagem, destruindo em semanas o esforço de consolidação de anos somente por ambição e projectos pessoais faz com que seja impossível prever num país cuja vocação parece ser passar ao lado do seu destino. Os dois maiores valores a preservar de forma a garantir o tão necessário investimento estrangeiro em Portugal são a estabilidade e previsibilidade no enquadramento legal 'lato sensu'. De qualquer forma vejo os nossos projectos empresariais - e Portugal - com cada vez maior presença Internacional fruto dum esforço fantástico realizado por todos os empresários, gestores e trabalhadores das empresas portuguesas.



### DIONÍSIO PESTANA CEO do Grupo Pestana

**1** Foi exactamente aos 26 anos que o destino me trocou as voltas e deixei para trás o objectivo de ter uma carreira na bolsa para me dedicar aos negócios familiares. O meu pai, fundador do grupo, tinha construído o primeiro hotel da marca no Funchal, o Pestana Carlton Madeira, mas a complicada conjuntura do pós 25 de Abril e a entrega da gestão do activo a uma multinacional levaram-no a desafiar-me a mudar de vida. Foi o começo de

uma aventura que repetiria hoje de novo sem hesitar, fruto da energia da juventude mas também da paixão sempre apoiada na razão que tem provado ser uma receita de sucesso ao longo destas últimas quatro décadas.

**2** Daqui a 26 anos vejo a geração seguinte a fazer cada vez mais e melhor aquilo que nos trouxe até aqui: por um lado, o crescimento consolidado e sustentado baseado no nosso actual modelo de gestão (com adaptação ágil e bom senso face às novas oportunidades e desafios). E por outro, foco. Foco no 'hardware' - os nossos hotéis e no 'software' hoteleiro - colaboradores com vocação para esta actividade. É certo que a evolução tecnológica continuará a acelerar a um ritmo ainda maior com as necessárias e permanentes adaptações dos modelos de negócio, mas acredito que o segredo se manterá no essencial. Isto é, produtos excepcionais de nova geração, em localizações únicas servidos pela hospitalidade de um 'staff' humano ímpar.



### GERMAN EFROMOVICH Presidente do grupo Synergie

- 1** Aos 26 anos estava a trabalhar como engenheiro na SGS.
- 2** Onde vejo a empresa e país em 26 anos????? Hahahaha perdi a bola de Cristal....

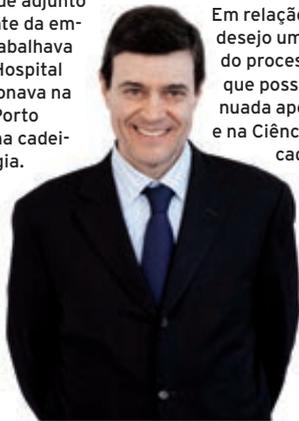
### LUÍS PORTELA Presidente da Bial

**1** Quanto tinha 26 anos trabalhava a meio-tempo na Bial, onde era membro da administração com funções de adjunto do então presidente da empresa. Também trabalhava como médico no Hospital de S. João e leccionava na Universidade do Porto como assistente na cadeira de Psicofisiologia.

**2** Para os próximos 26 anos, desejo que Bial possa dar continuidade ao grande investimento que temos feito em I&D, conseguindo proporção

nar à humanidade um crescente número de medicamentos inovadores. Por via disso, espero que a empresa possa reforçar a sua internacionalização, servindo os interesses de saúde de um cada vez maior número de pessoas.

Em relação ao nosso país, desejo um amadurecimento do processo democrático, que possibilite uma continuada aposta na Educação e na Ciência, mas numa via cada vez mais objectiva de criação de riqueza material e espiritual, que o transforme num cantinho de bom senso, de grande partilha, de paz, harmonia e amor.



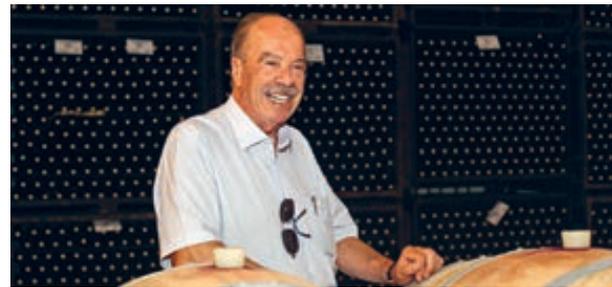
### RUI NABEIRO Fundador do Grupo Delta

**1** É fácil lembrar-me, era um princípio de vida, mas já com muitas responsabilidades. Aos 26 estava a sonhar para que pudesse alcançar tudo aquilo que projectava para a minha vida. E foi nessa idade que me obriguei a todo o sacrifício possível para começar a construir esse sonho, a trabalhar com muito afinco num projecto de vida que viria a tornar-se o que é hoje. E já tinha um filho nessa ida-

de, que também é uma grande responsabilidade e também alimentava o sonho. É uma idade muito bonita, os 26, é quando nos começamos a fazer homens.

**2** Isso já não dá para sonhar sozinho. Mas tenho o sonho do filho, da filha, tenho quatro netos... Já não poderei ver, mas a ideia que temos é que [a Delta] seja muito maior do que aquilo que é hoje. Que vá crescendo, sonhando, motivando, sem nunca terminar.

Neves António



### CARLOS MONJARDINO 'Chairman' da Fundação Oriente

**1** Com 26 anos estava a trabalhar, há já dois anos, no BPA- Banco Português do Atlântico, o meu primeiro emprego. Na altura tinha a responsabilidade do reforço das relações com os bancos correspondentes no Norte de África e no Médio Oriente, o que implicava, obviamente, viagens a alguns países dessas regiões. Numa dessas viagens, devido à instabilidade no Médio Oriente, fiz uma deslocação de carro entre Beirute e Damasco. Durante a viagem tive o meu primeiro contacto com os dramas dos refugiados e com os bombardeamentos israelitas ao aeroporto de Damasco. Ainda nesse ano iniciei um estágio em França e tive a oportunidade de viver as manifestações de Maio de 68 e

o extraordinário ambiente que se fazia sentir em Paris. O estágio é que sofreu com isso...

**2** Daqui a 26 anos gostaria - o que será difícil pois teria 98 anos - de ver a classe política nacional com um pouco mais de bom senso, com mais preocupações sociais e tendo como objectivo a melhoria do nível de vida dos portugueses mesmo que isso implique alguns braços de ferro com Bruxelas. Espero que a União Europeia saiba encontrar um funcionamento mais justo que, mesmo dentro do mercado único, tenha em consideração as enormes diferenças económicas e, sobretudo, culturais entre os países. Questões reais e que até agora não têm, em minha opinião, sido tidas em conta de forma adequada. Espero igualmente que a União Europeia possa evoluir para se tornar mais ágil na tomada de decisões e, sobretudo, na sua implementação.

Paulo Alexandre Coelho





## 1 O que estava a fazer quando tinha 26 anos? / 2 Onde vê a sua empresa e/ou o país daqui a 26 anos?



### ANTÓNIO VIEIRA MONTEIRO

CEO do Santander Totta

- 1 Aos 26 anos, era subdirector no Banco Português do Atlântico. Estava no início da minha carreira no sector financeiro.
- 2 Daqui a 26 anos espero poder estar dedicado aos meus 'hobbies'...

### JOSÉ LUÍS PINTO BASTO

Investidor e CEO do The Edge Group

1 Estávamos em 1996 e viviamos os primeiros anos de euforia da Internet e das famosas 'dot-com', que levantavam milhões de investimento e que prometiam revolucionar o mundo do comércio, da banca, das viagens e de muitas outras áreas. Era sócio e dirigia uma empresa de tecnologias de informação que se especializou no desenvolvimento de portais Internet. Com a indústria em plena ebulição, rapidamente fomos comprados por uma filial da Telefonica. Tornei-me CEO da Teknoland Portugal e administrador da Teknoland International, empresa que chegou a ser avaliada em um bilião de dólares e teve o seu IPO marcado para Junho de 2000, no mercado americano Nasdaq. Infelizmente, como todas as bolhas especulativas, esta também rebentou. O IPO foi cancelado e a empresa acabou por se desmembrar, mas ficou a lição e a experiência. Paralelamente à minha carreira de empresário e motivado por uma paixão por voar, com 26 anos tornei-me piloto oficial de Airbus A320.

2 Em 2002 fundei o The Edge Group, 'holding' de investimentos imobiliários e capital de risco, hoje proprietária de dez activos imobiliários de referência e accionista de 15 empresas inovadoras. É nela que pretendo trabalhar o resto da minha vida e onde me vejo daqui a 26 anos, pois espero nunca me vir a reformar. Espero daqui a 26 anos continuar a apostar na reabilitação das cidades e na execução de projectos sustentáveis, que melhorem a vivência dos seus habitantes. Provavelmente, iremos construir edifícios inteligentes e totalmente auto-suficientes. Espero também continuar a apostar e a investir em empresas portuguesas, lideradas por gestores cada vez mais capacitados, ajudando-os a internacionalizar os seus negócios e a acreditar que Portugal não é inferior a nenhum outro país do mundo.



### ALEXANDRE QUINTANILHA

Investigador e deputado do PS

1 Estava em Joanesburgo a terminar o meu doutoramento em Física. Foi nesse ano



que conheci Sydney Brenner, que me estimulou a seguir "os meus sonhos" de ir para Berkeley trabalhar na área do stress.

2 Não tenho grande capacidade de prever o futuro (o meu tem-se alterado frequentemente de forma imprevisível), mas espero que Portugal volte a valorizar todas as áreas do conhecimento como essenciais para a realização pessoal e de uma sociedade mais justa, mais sustentável e menos discriminatória.



### GONÇALO REBELO DE ALMEIDA

Administrador Vila Galé

1 Aos 26 anos, estava a iniciar o meu percurso profissional no departamento jurídico da Vila Galé, enquanto simultaneamente concluí o meu estágio profissional num escritório de advocacia de Lisboa. Apesar de ter gostado bastante da formação em direito e do exercício da advocacia, acabei por fazer opções por outras áreas embora reconheça que ainda hoje a minha área de formação é bastante útil para o meu dia-a-dia.

2 Acredito que a Vila Galé, hoje responsável pela gestão de 27 hotéis, possa continuar a crescer de forma sustentada ao ritmo de uma unidade por ano e que possa estar a gerir mais de 50 hotéis em Portugal e no exterior. É fundamental para que tal aconteça que se mantenha o dinamismo, capacidade de trabalho e inovação e uma aposta continua nos nossos recursos humanos para que tal aconteça.



### ALBERTO JOÃO JARDIM

Ex-presidente do governo Regional da Madeira

1 Fiz 26 anos em Fevereiro de 1969. Na altura, como estudante-trabalhador, era professor na Escola Francisco Franco e estava a terminar o curso de Direito. Casei em Setembro e, em Outubro, entrei na Escola Prática de Infância, Mafra.

2 Se a Europa for diferente, mais federalista e solidária, um dos centros do mundo, e Portugal tiver outros partidos, outra Constituição e outra classe política, acompanhando a evolução europeia estaremos melhor senão, o país estará ainda mais decadente do que já é, e a Europa será uma entidade museológica e praias, no resto já não contando.

### LUÍS MIRA AMARAL

CEO do Banco BIC Portugal

1 Estava na tropa. Entrei com vinte e cinco anos e saí com 29 anos, depois de dois anos cá e dois em Moçambique. Os jovens de hoje não fazem ideia deste drama da minha geração.

2 Espero que o nosso país esteja integrado numa Europa mais integrada, em que além da união monetária que já temos - zona euro - tenhamos uma verdadeira União Bancária e uma Europa Federal com alguma forma de federalismo europeu. Quanto ao banco onde estou, espero que se consolide e que venha a fazer parte do Top 5 da banca portuguesa.



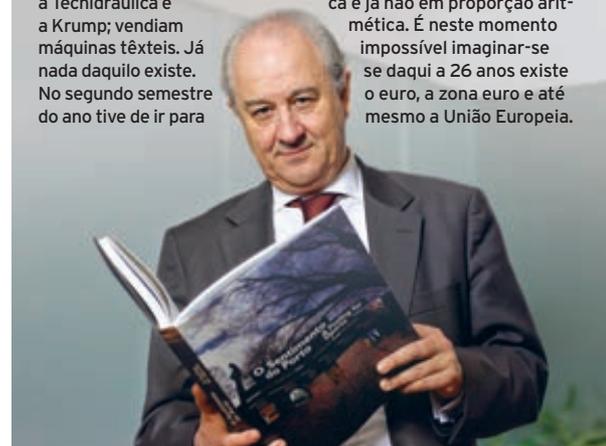
### RUI RIO

Economista e político

1 Formei-me em 1982 [na Faculdade de Economia do Porto] e em 1 de Janeiro de 1983, no ano em que fiz 26 anos, entrei para os quadros de um grupo que tinha uma empresa comercial, a J. Baptista, e duas empresas industriais, a Tecnidráulica e a Krump; vendiam máquinas têxteis. Já nada daquilo existe. No segundo semestre do ano tive de ir para

a tropa. Estive na Escola Prática de Administração Militar e na Figueira da Foz, na Escola Prática de Serviços de Transporte.

2 Acho que é totalmente impossível perceber-se o que vai ser o país daqui por mais 26 anos. As coisas mudam a uma velocidade vertiginosa, em proporção geométrica e já não em proporção aritmética. É neste momento impossível imaginar-se se daqui a 26 anos existe o euro, a zona euro e até mesmo a União Europeia.





ID: 61611941

29-10-2015

## 1 O que estava a fazer quando tinha 26 anos? / 2 Onde vê a sua empresa e/ou o país daqui a 26 anos?

### MARCELO REBELO DE SOUSA

Candidato presidencial

**1** Com 26 anos estávamos em 1974. Estava a viver a revolução. Por esta altura, final de Outubro, tinha acabado de chegar da Alemanha onde tinha ido explicar a revolução portuguesa e regressava para um animado comício na Margem Sul.

**2** Daqui a 26 anos vejo um país com um nível de Educação, Cultura e Ciência equivalente ao melhor da Europa. Com menos desigualdades sociais, com um rejuvenescimento populacional, correspondendo a uma sociedade aberta em termos de migrações, culturas e civilizações. Um país em crescimento, com uma aposta séria no mar.



Paulo Alexandre Coelho

### SAMPAIO DA NÓVOA

Professor e candidato presidencial

**1** Estava a chegar a Genebra, na Suíça. Ali fiz o meu primeiro doutoramento. A minha vida era quase exclusivamente dedicada ao estudo. A Universidade de Genebra, uma das mais prestigiadas da Europa, foi o lugar da minha principal formação académica e universitária.

**2** Acredito que daqui a 26 anos o meu país saberá cuidar melhor das pessoas e espero poder continuar a contribuir para isso. E também espero poder continuar a ler o Diário Económico.



### JOÃO VALE DE ALMEIDA

Embaixador da UE na ONU

**1** Quando tinha 26 anos, em 1983, trabalhava como conselheiro de imprensa na delegação (Embaixada) da Comissão Europeia em Lisboa. Estávamos em plenas negociações para a adesão de Portugal às Comunidades Europeias e a minha função era explicar a Europa em Portugal e Portugal à Europa. Fascinante.



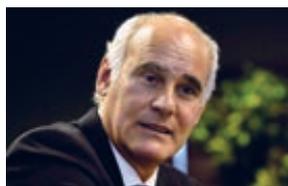
### MARIA DE BELÉM

Candidata presidencial

**1** Há 26 anos atrás tinha 40 anos e era vice-presidente da Misericórdia de Lisboa.

**2** Daqui a 26 anos estaremos em 2041. Como sou uma pessoa optimista acredito que Portugal tenha resolvido a grande parte dos seus problemas estruturais, designadamente a nível da qualificação dos recursos humanos, da pujança da sua economia e com um papel relevante na cena internacional.

**2** Daqui a 26 anos espero que Portugal seja uma democracia adulta e sólida, com uma sociedade civil activa e escrutinadora dos vários poderes, com uma economia dinâmica, inovadora e aberta ao mundo, participando activamente



### CARLOS MOEDAS

Comissário europeu da Investigação Ciência e Inovação

**1** Com 26 anos trabalhava em França numa grande empresa multinacional na área do ambiente na qual era o engenheiro responsável pela unidade de monitorização das águas residuais. Estava sediado no centro de França (região de Orléans). Foi uma oportunidade profissional que surgiu no seguimento do intercâmbio Erasmus que realizei em Paris.

**2** Foi sempre difícil fazer estes exercícios de futurologia, mas hoje mais ainda em que o ritmo dos acontecimentos é intenso. Dito isto, antevejo o reforço do projecto europeu, o que requer no entanto o nosso empenho contínuo. Será certamente uma Europa diferente da que conhecemos hoje em dia. Provavelmente com mais Estados-membro e consequentemente mais centrada em questões horizontais que não podem de todo ser resolvidas a nível nacional. Na área de investigação, ciência e inovação, espero ver uma Europa que reuna os melhores investigadores e inovadores do mundo. Um continente mais competitivo, assente na economia do conhecimento e com capacidade de transformar esse conhecimento em produtos e serviços em prol dos cidadãos europeus.



### ANTÓNIO VITORINO

Advogado e político

**1** Era secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares do bloco central. Foi um ano muito estimulante, foi o meu primeiro ano em funções governativas, era muito jovem. Estávamos

também sob um programa do Fundo Monetário Internacional, portanto foi um ano a implementar o ajustamento. E com um governo inédito em Portugal, com os dois maiores partidos. Era muito exigente, porque tinha de se fazer convergir o PS e o PSD numa mesma plataforma e nem sempre era fácil.

**2** E um grande exercício de futurologia... A história acelerou nos últimos anos, não só pela revolução tecnológica, mas também pela revolução comunicacional, e é muito difícil fazer previsões, porque é muito difícil prever todos os efeitos destas revoluções. Espero que ainda haja Europa (risos). Portugal vai haver de certeza, mas espero que ainda haja um projecto europeu. Espero que tenhamos conseguido evitar uma certa propensão para o declínio e um lugar no mundo com aquilo que são os melhores valores da Europa, não só económicos mas sociais, de cidadania e solidariedade.



Paula Nunes

### MARISA MATIAS

Eurodeputada do BE e candidata presidencial

**1** Estava a trabalhar como assistente de investigação no Centro de Estudos Sociais, na Universidade de Coimbra, sob orientação do Professor. João Arriscado Nunes. Trabalhava para os projectos "Analysing Public Accountability Procedures in Contemporary European Contexts (PubAcc)", coordenado pelo Centre for the Study of Democracy; "Science, Technology and Governance in Europe (STAGE)", coordenado pela Brunel University, e "Life Sciences in European Society", coordenado pela London School of Economics, todos financiados pela Comissão Europeia. Estava também a trabalhar no meu projecto de doutoramento, orientado pelo Prof. João Arriscado Nunes. Fazia parte da Pro

Urbe, associação cívica de Coimbra. Preparávamos o projecto "Semear Relvinhas" para a Coimbra Capital da Cultura, que envolveu artistas, arquitectos e a população do histórico bairro de Coimbra, auto-construído no período revolucionário. Continuava a acompanhar o movimento gerado em torno da luta contra a co-incineração. Nessa altura, ainda tinha tempo para ir a Alcouce fazer o período das vindimas e ajudar em outras actividades da terra.

**2** Quando há poucos dias passamos o famoso 21 de Outubro do filme " regresso ao Futuro", constatamos que a futurologia por muito bem fundamentada que seja quase nunca bate certo. Ainda não temos drones a passear cães nem roupa que fala connosco e seca em cinco segundos... Gostava de ver um país de iguais. A mais não me atrevo, e já não é tarefa fácil...



## PAULO RANGEL

Eurodeputado do PSD

**1** Aos 26 anos, dava aulas na Católica do Porto na área do Direito Público, mais especificamente Direito Constitucional, Direito Administrativo e Ciência Política. Tinha dedicado alguma investigação ao Direito do Ambiente e, em especial, à actividade informal e consensual da Administração Pública. Dava também os primeiros passos naquela que haveria de ser a minha área preferencial: o estatuto constitucional do poder judicial e os problemas da independência, da legitimidade e da responsabilidade dos juí-



## JOÃO SEMEDO

Ex-dirigente do Bloco de Esquerda

**1** Vivia em Lisboa e estava a concluir o internato policlínico nos Hospitais Cívicos de Lisboa - no hospital dos Capuchos e os bancos (urgências) eram no São José, aliás no mesmo espaço onde ainda hoje funcionam! Esse internato era o início da formação após seis anos de curso e antecedia a entrada noutra internato, o da especialidade. Entre um e outro, naquela altura, os jovens médicos faziam um ano de Serviço Médico à Periferia, uma experiência absolutamente fantástica. Politicamente, era militante comunista e estava a entrar no PCP vindo da UEC (União dos Estudantes Comunistas), a que pertencia desde 1972 e para cuja comissão central (mais ou menos o comité central dos pe-



Paula Nunes

zes. Terminara também o meu estágio de advocacia e estreeva-me como advogado na área do direito administrativo. A política era uma paixão, mas apenas como observador atento e empenhado. Pessoalmente, eram tempos de promessa e de esperança, iguais aos de tantos outros nos alvares da sua vida profissional.

**2** É árduo fazer previsões. É mais fácil formular desejos. Vejo o país mais forte economicamente, mais equilibrado territorialmente, oferecendo mais possibilidades de realização profissional e económica aos seus cidadãos. Vejo o país mais integrado na Europa, fazendo parte de um projecto federal (que é o único que pode articular o respeito pela auto-determinação nacional com a resposta adequada à globalização, às suas oportunidades e aos seus perigos). Antevero também o triunfo da lusofonia com um intenso intercâmbio entre Portugal, Brasil, a África e a Ásia. Nós estaremos muito mais lá, eles estarão muito mais cá. Um Portugal mais cosmopolita, mais mesclado, no seu destino europeu e universal é o que espero.

queninos...) tinha sido chamado.

**2** Escolho uma visão optimista, inspirada pelos resultados de 4 de Outubro e pelas mudanças que se adinham e que, presumo, não vão parar nos próximos anos (sem contido, me atrevo, como o devaneio de Passos Coelho, a imaginar Portugal como uma das 10 economias mais competitivas do Mundo). Vejo um país procurado não apenas pelo seu clima e condições turísticas mas, sobretudo, pela qualidade de vida que oferece - equilíbrio social, pleno emprego, respeito por quem trabalha, serviços públicos de excelência, protecção na reforma e na velhice, cidadania transcultural e multiétnica. Vejo uma mulher na chefia do governo ou na presidência da República. E uma forte banca pública. E, claro, o Diário Económico continua mas... em formato digital, que leremos a partir dos nossos relógios de pulso!



## MARTINS DA CRUZ

Embaixador e ex-ministro dos Negócios Estrangeiros

**1** 1973 Aos 26 anos tinha acabado Direito, uma pós-graduação na Suíça e ia no segundo ano no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Tinha evitado a direcção política, onde a preocupação era defender a presença em África. E estava na mercearia, como chamavam à direcção-geral económica. Fazia de "correio do czar", as malas diplomáticas - Estados Unidos, Londres, Bruxelas, Helsínquia, Viena. Tinha ido a reuniões das Nações Unidas, em Nova Iorque e Genebra. Até que me ocupava de um tema que ninguém queria, ou acreditava: o Mercado Comum. Preparava-me para fazer o serviço militar. E esperava, como muitos da minha geração, que o regime mudasse. Que Portugal se tornasse um país mais europeu, menos fechado, mais moderno. Não imaginava a vida que tive e estou a ter. Mas tenho saudades dos 26 anos. Com o mundo pela frente.

**2** 2041 Provavelmente daqui a 26 anos este jornal em papel não existirá. Nem muitos outros. Serão digitais, com mais imagens do que letras. O mundo será melhor nalguns sectores: ciência, tecnologia, medicina. E será pior noutros: insegurança, clivagens sociais, cultura. A Europa terá uma população meio envelhecida, meio emigrante. A União Europeia, como a conhecemos hoje, não existirá. Os conflitos no leste europeu, nos Balcãs, no sul do Mediterrâneo, transformarão a União. Nada é eterno. E haverá pequenas uniões por grupos de países, conforme interesses estratégicos, políticos ou económicos. Talvez com um denominador comum. Os Estados Unidos terão um Presidente de origem mexicana ou latina. A África terá um crescimento maior do que a Ásia. Portugal continuará periférico na Europa. E dará mais atenção à sua profundidade atlântica. Em 2041 poderá celebrar-se na Europa o 96º aniversário da última guerra mundial. Ou terá havido outra?

## ANTÓNIO SARAIVA

Presidente da CIP

**1** Aos 26 anos estava a tentar salvar a Lisnave do seu encerramento. Lutava contra o totalitarismo da CGTP intersindical, na comissão de trabalhadores, dando passos para aquele que foi o primeiro contrato social do país.

**2** Espero que daqui a 26 anos o paradigma de desenvolvimento económico do país seja diferente, com uma economia mais pujante e mais consentânea com o mundo global. Que haja mais desenvolvimento dos recursos naturais do país, como o mar ou a floresta, energias alternativas mais desenvolvidas. Espero um país mais competitivo e preparado para o combate internacional.



## ÂNGELO CORREIA

Ex-ministro da Administração Interna

**1** Há 26 anos estava destacado em comissão militar em Timor e é um tempo que recorro com muito prazer e com muita alegria por ter tido a oportunidade de conhecer muitos timorenses e de ter amadurecido muito politicamente.

**2** Portugal depende da evolução da UE e vai depender desse rumo. Além de a UE não ter uma unidade de acção, objectivos e interesses comuns, expressa cada vez mais a centrifugação de parte dos seus membros. A evolução do país também está condicionada pelo que fizermos a nós próprios. O desprezo que se tem atribuído à competitividade da economia e a uma maior produtividade, não nos concentrando na óptica da maior distribuição de recursos pelos cidadãos, levam a tensões sociais e políticas que ou limitam a capacidade futura do Estado ou promovem a sua progressiva deterioração. Não nos confrontamos com cenários optimistas.



## FARIA DE OLIVEIRA

Presidente da Associação Portuguesa de Bancos

**1** Em 1967, estava a cumprir serviço militar na Fábrica Militar de Braço de Prata.

**2** Enquanto não definirmos um conceito estratégico nacional, incluindo políticas de desenvolvimento (e não apenas um conceito estratégico de defesa nacional) claro e consistente é mais difícil antecipar onde poderemos estar dentro de 26 anos. Espero que Portugal possa encontrar os compromissos políticos necessários para aproveitar a profunda melhoria do conhecimento das novas gerações e o seu talento para definir rumos que nos permitam estar, daqui a 26 anos, entre os países mais desenvolvidos da Europa. A questão demográfica vai ser também um desafio muito relevante que o país terá de enfrentar. Portugal pode, por outro lado, ser uma plataforma de serviços que, a par de alguma especialização industrial, nos permita ser competitivos e excelentes em vários sectores. Espero que o nosso sistema financeiro, que se manteve sempre moderno e tecnologicamente avançado, possa estar entre eles.



## MARQUES MENDES

Advogado e político

**1** Quando tinha 26 anos vivia no Norte, mais concretamente em Fafe, e fazia advocacia.

**2** Como será o País daqui a 26 anos não sei. Como gostaria que fosse tenho uma ideia. Gostava que fosse um País economicamente competitivo, socialmente mais justo, politicamente mais aberto e tolerante e, sobretudo, com ambição e vontade de vencer. Um país menos queixoso e mais empreendedor.



ID: 61611941

29-10-2015

# 1 O que estava a fazer quando tinha 26 anos? / 2 Onde vê a sua empresa e/ou o país daqui a 26 anos?



## JOÃO VIEIRA LOPES

Presidente da CCP

**1** Em 1973 estava a estudar em Paris, a fazer uma pós-graduação em Física. Tentava decidir se voltava para Portugal para cumprir o serviço militar. Acabei por não voltar nessa altura.

**2** Daqui a 26 anos espero que Portugal tenha resolvido alguns dos problemas estruturais e que esteja mais próximo daquilo que se passa no continente europeu.

## TEIXEIRA DOS SANTOS

Ex-ministro das Finanças

**1** Estava na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, tinha iniciado há quatro anos a minha carreira académica como assistente e ainda a viver o período pós-PREC. O país estava ainda num momento difícil, numa altura da primeira intervenção externa do FMI. Todas estas tensões se viviam num mundo que estava na ressaca do primeiro choque petrolífero.

**2** Seria tentado a extrapolar uma tendência que se tem verificado, apesar dos altos e baixos e dos problemas que nos têm afectado. Portugal será um país que se vai modernizar e vencendo os desafios de um mundo mais global, que nos impõe uma necessidade de sermos mais ágeis e mais capazes de nos adaptarmos à mudança. Vai evoluir dentro de uma linha de progresso, que já se verificou no passado, provavelmente a um ritmo maior, porque a exigência será maior. Continuará a ser um país integrado na UE, numa Europa que acredito que continuará muito empenhada num projecto que iniciou há 50 anos. Espero que daqui a 26 anos possamos concluir que foi um processo que valeu a pena, embora tenha revelado algumas debilidades.



## ANTÓNIO DE SOUSA

Fundador do ECS capital e antigo presidente da APB

**1** O ano de 1981 foi para mim de viragem já que assinalou o meu regresso dos EUA. A primeira metade do ano foi passada escrever a minha tese, por isso dividia os dias entre a biblioteca da Universidade da Pensilvânia e a leitura de livros de ficção científica. Regressei a Portugal em Junho e foi um choque. Antes de voltar a dar aulas na Universidade Católica foi tempo para umas férias. Tinha pedido ajuda ao meu pai, em Janeiro (faço anos em Fevereiro) para encomendar um Fiat 127 para fazer uma viagem a Paris. Por sorte, o carro chegou dois ou três dias depois do meu regresso mas, não pudemos sair do país porque os documentos demoravam mais seis meses a chegar. Acabámos por pedir emprestado um Renault 5, com dez anos. Parte do percurso até França foi de comboio, que avariou e tivemos de dormir numa pensão em Irun (País Basco). De regresso a Portugal em Setembro, retomei a tese sobre planeamento estratégico de empresas.

## LUÍS CAMPOS E CUNHA

Ex-ministro das Finanças

**1** Estava a iniciar a etapa mais marcante da minha vida profissional - o meu doutoramento em Economia. Tinha aterrado em Nova Iorque pela primeira vez e logo para me doutorar numa das grandes universidades americanas, Columbia. Fui aluno de dois futuros prémio Nobel - Ned Phelps e Bob Mundell - em outros, igualmente notáveis, que também o poderíamos ter sido, por exemplo, Jagdish Bhagwati e Ron Findlay. De todos fiquei amigo, mais ou menos próximo, até hoje. O mundo era bastante diferente e mais duro (nada de saudosismo). Para telefonar para Lisboa tínhamos de esperar que a operadora nos estabelecesse a ligação e tal poderia levar uns 15 minutos ou uma hora. Nesse tempo, para sabermos os resultados das eleições tínhamos de sintonizar (com muita dificuldade, diga-se) as ondas curtas. E para sabermos notícias assinávamos um semanário que nos chegava uma semana depois, com sorte. Como éramos um grupo de estudantes (invariavelmente sem dinheiro, isto não mudou muito) partilhávamos o semanário, o rádio de ondas curtas e telefonávamos para Lisboa uma vez por mês

Entreguei-a no ano seguinte.

**2** Gostaria que Portugal fosse um país que visse a inovação, ser capaz de fazer, como algo positivo e que deixasse de parecer que está embrincado na nossa personalidade que o sucesso é mau e devemos nivelar por baixo ou ser apenas capaz do que todos são capazes. O meu pai é de origem camponesa, estudou à noite e foi capaz de chegar a director de um banco, trabalhando por ele. Temos uma juventude de cada vez mais qualificada, que está internacionalizada, tem um espírito e horizontes abertos. Era bom que essa juventude pudesse trazer essa nova cultura em Portugal e que o país não voltasse a cair em mais uma banca rota.



no máximo.

Difícil responder, mas sem grandes custos no caso de eu falar a previsão que é a única coisa certa. Certamente que o Diário Económico continuará a existir. Os canivetes suíços terão um telemóvel, com máquina fotográfica e uma pequena granada de mão para nos defendermos do terrorismo. Esse será perpetrado pela "coisa", que é uma entidade não conhecida e que poderá mesmo não existir: haverá quem defenda que é apenas um vírus informático potencialmente mortal. Economicamente, o PIB per capita em Portugal será o dobro do actual. Não por crescimento do PIB, mas devido à queda brutal da população. Benefícios da baixa taxa de natalidade. Os transportes serão mais rápidos mas ainda não viajaremos no tempo: temos pena, naturalmente.



## MIGUEL CADILHE

Ex-ministro das Finanças

**1** Com 26 anos estava destacado em Lamego, era membro do conselho administrativo dos quartéis dos Comandos e dos Rangers. Fazia a dura e longa vida militar.

**2** Antevejo Portugal nos anos 40 como um dos mais aprazíveis lugares da Europa para se trabalhar e viver. Um Portugal europeu sem renegar a história e a identidade, muito pelo contrário. No ínterim, terá de haver mudanças, não sei se se as classes dirigentes estarão à altura. O nosso problema maior reside aí.



## CARLOS SILVA

Secretário-geral da UGT

**1** Com 26 anos estava em 1987/88. Foi um ano especial para a minha vida porque entrei para os quadros do BES em 14 de Março de 88, cheio de expectativas quanto ao futuro e à almejada estabilidade profissional, valorização do meu trabalho e melhoria das condições de vida.

**2** Daqui a 26 anos confio que Portugal se mantenha no seu rumo europeísta e, simultaneamente, um parceiro privilegiado no diálogo intercontinental com África e a América Latina, reforçando a sua condição de país multicultural, tolerante e de dimensão universal e humanista.

## EDUARDO CATROGA

Ex-ministro das Finanças

**1** Era economista na Empresa Geral de Fomento (EGF), que era a 'holding' do grupo CUF, então o maior grupo económico e financeiro. Era ainda professor assistente, no curso de Finanças no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, actual ISEG. E ainda estava a cumprir o serviço militar obrigatório. Mas fui um feliz, porque fiz a guerra colonial em Lisboa. Esta na área de administração militar, em que algumas repartições só funcionavam em 'part-time'.

**2** Nessa altura terei 96 anos. Terei mais juventude acumulada. Tenho esperança que haja uma reforma da mentalidade, reformas políticas e económicas, por forma que Portugal entre na primeira divisão da Europa. Ou seja, um país mais desenvolvido económica e socialmente numa UE que tenha sabido responder adequadamente aos desafios da globalização e competitividade numa Europa mais forte e consolidada.



## ARMÉNIO CARLOS

Secretário-geral da CGTP

**1** Quando tinha 26 anos estava a trabalhar na estação da Carris de Cabo Ruivo, à qual continuo ligado. Era electricista e desempenhava diariamente essa função.

**2** Desejo que o país esteja melhor daqui a 26 anos e que isso se reflita desde agora com as alterações políticas que são precisas. É preciso criar as condições para que Portugal tenha futuro e isso só se faz com outros protagonistas e com políticas de esquerda.





ID: 61611941

29-10-2015

## 1 O que estava a fazer quando tinha 26 anos? / 2 Onde vê a sua empresa e/ou o país daqui a 26 anos?



### ANTÓNIO FERREIRA GOMES

Presidente da Autoridade da Concorrência

**1** Estava completamente dedicado ao ensino e à investigação. Depois de terminado o mestrado em Economia pela Universidade de York e estando a preparar a minha dissertação de doutoramento na mesma Universidade, regresssei a Portugal para abraçar o desafio de leccionar no primeiro curso de Economia da Universidade de Aveiro, responsável por disciplinas como Finanças Públicas, Economia Europeia, Economia Monetária e Economia

Pública. Assumi ainda nesse ano a representação da Universidade de Aveiro no Conselho da Profissão da Ordem dos Economistas.

**2** Dentro de 26 anos, a Autoridade da Concorrência será uma instituição madura, que se manterá independente e acumulará uma vasta experiência na defesa e promoção da concorrência, com um histórico de resultados fundamentais para o bem-estar dos consumidores e para a competitividade da economia. Acredito que a cultura de concorrência estará enraizada em Portugal e que teremos, em consequência, uma economia mais dinâmica e competitiva.

### PROENÇA DE CARVALHO

Sócio Presidente da Uría Menéndez

**1** Com 26 anos estava no Ministério Público, inspetor da Polícia Judiciária;

**2** Com a aceleração da história, induzida pela revolução tecnológica a que estamos a assistir, não consigo imaginar o futuro das empresas em que trabalho e o futuro do país. Mas, seguramente, não existirá Diário Económico em papel, porque nenhum jornal existirá nesse formato.



### AGOSTINHO PEREIRA DE MIRANDA

Advogado, sócio presidente da Miranda

**1** Estava na Polícia Judiciária a desempenhar funções de Ministério Público, enquanto Inspetor da Secção de Homicídios. Tinha sob a minha supervisão três calegados subinspetores e 15 agentes, qualquer dos quais sabia mais de criminalística a dormir do que eu acordado. Mas as bombas do PREC, no Verão Quente de 75, exigiam novos conhecimentos. Vi-me assim, subitamente, na Bomb Squad da Scotland Yard, em Londres, a aprender como se investigavam os atentados bombistas do IRA. Não me tornei um grande detective, mas aprendi o que era a investigação policial sem violação dos direitos individuais e, acima de tudo, o valor superior do segredo de Justiça.

**2** A Miranda será maior e mais forte porque a acelerada integração das economias mundiais aumentará a importância e a densidade do ordenamento jurídico transnacional. Vão ser necessários cada vez mais advogados com cultura e experiência internacionais. Quanto ao país, espero que daqui a 26 anos tenha deixado definitivamente para trás a 'pesada herança' que uma Igreja reaccionária e um poder central concentracionário lhe impuseram há séculos.



### JORGE BRITO PEREIRA

Advogado, sócio da PLMJ

**1** Quanto tinha 26 anos o mundo era muito diferente. Não sei se pior, mas certamente mais arrumado. E eu também era diferente. Mas certamente não melhor e acho que menos cínico. O mundo arrumava o princípio do fim da guerra fria, a Checoslováquia dividia-se, a Rússia implodia, os Nirvana lançavam o último álbum de estúdio (e a Björk o primeiro) e o Sporting não foi campeão. Na verdade, ainda tivemos que esperar uns anos. Andava pelo Brasil porque, salvo erro, foi o ano em que

### ABEL MATEUS

Primeiro presidente da Autoridade da Concorrência, consultor do Banco de Portugal e professor universitário

**1** Quando tinha 26 anos estava a estudar na Universidade de Pennsylvania em Filadélfia, nos EUA, com vista a obter o meu doutoramento em Economia, e seguindo com atenção os acontecimentos que se passavam em Portugal depois do 25 de Abril de 1974.

**2** Espero que dentro de 26 anos o país tenha, finalmente, completado o processo de desalavancação da economia, regressando aos rácios normais de endividamento tanto do Estado como das



vivi quase meio ano em São Paulo, enquanto que no resto do ano o José Miguel Júdice tentava fazer de mim um advogado.

**2** Acredito que daqui a 26 anos vamos defender reformas estruturais para o país, sobretudo nas áreas da Segurança Social, Administração Pública, Justiça e Saúde. Uns dirão que a Constituição tem de ser revista como forma de permitir essas reformas e outros que, pelo contrário, se deve manter intacta. Discutiremos o mapa judiciário e a reforça da Administração Pública. Não haverá um acordo de base sobre as linhas basilares do sistema educativo e da avaliação. As nossas contas públicas serão equilibradas um ano a cada dez e o défice será maior que o anunciado no início do ano. Não haverá acordo sobre a Lei do Contrato de Trabalho. Discutiremos a qualidade dos nossos políticos e as vantagens dos círculos uninominais. Haverá muito boa gente a por em causa a sustentabilidade da dívida pública. Mas o Sporting já terá sido entretanto campeão uma séries de vezes.

famílias e empresas. Também num cenário optimista espero que Portugal tenha, finalmente, convergido para os níveis médios de rendimento da União Europeia e tenha mesmo ultrapassado esse 'benchmark'. A nível europeu desejo uma União Europeia mais coesa, progressiva e solidária, com o alargamento aos Balcãs, mas também como uma união politicamente mais federativa, ao mesmo tempo com respeito pela diversidade cultural e social de cada região e país. Finalmente, espero que ao nível das ciências, tecnologia e cultura, os países de língua portuguesa se tenham firmado a nível mundial como um espaço de progresso e paz no contexto mundial.

### MANUEL SEBASTIÃO

Ex-presidente da AdC

**1** Há 26 anos, em 1989, era um economista do Fundo Monetário Internacional.

**2** Daqui a 26 anos, ou seja daqui a um quarto de século, creio que só é possível dizer o que gostaríamos que acontecesse ao nosso país. Naturalmente, tudo o que fizesse de Portugal uma sociedade mais evoluída,



mais participativa e mais justa e uma economia mais dinâmica, mais próspera e mais concorrencial. O que será na realidade, só Deus sabe.



## PEDRO REBELO DE SOUSA

Advogado, managing partner da SRS

**1** Aos 26 anos em São Paulo acabara a primeira pós-graduação em Direito Empresarial na Universidade Católica e estava a terminar um MBA na Getúlio Vargas. Com dois filhos tinha

sido nomeado 'resident vice president' na Direcção Jurídica do Citibank Brasil e advogava autonomamente para clientes não financeiros.

**2** Daqui a 26 anos vejo a SRS continuar no topo das principais sociedades de advogados da lusofonia com sócios que em muito suplantam o fundador fiel aos valores fundacionais.

## JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA

Advogado, managing partner da VdA

**1** Era o longínquo ano de 1987. Estava a viver os primeiros tempos de uma época nova e cheia de esperança, em que tudo parecia, e em boa parte foi, possível. O país reinventava-se e nós, os mais novos, sonhávamos com um futuro que nos orgulharia.

**2** Será o longínquo ano de 2041. Estarei a viver os últimos tempos de uma época nova e cheia de esperança, onde tudo parecerá, e em boa parte será, possível. O país reinventar-se-á e nós, os mais velhos, orgulhar-nos-emos de ainda sonhar com o futuro.



Paula Nunes

## FREDERICO PEREIRA COUTINHO

Advogado, director-geral da Cuatrecasas, Gonçalves Pereira em Portugal

**1** Há 26 anos estava a leccionar na Faculdade de Direito de Lisboa, a completar o meu estágio de advocacia com o Dr. Pedro Reis e a trabalhar como jurista no Fundo de Turismo.

**2** Vejo Portugal daqui a 26 anos desempenhando um papel de interface económico, comercial, logístico e cultural com

os outros continentes tendo em conta a sua dimensão e a sua realidade geopolítica e histórica. E quem sabe, talvez venha também a tornar-se na Flórida da Europa.



## LUÍS PAIS ANTUNES

Advogado, managing partner da PLMJ

**1** Aos 26 anos - estávamos em 1983/1984 - era um jovem advogado em Coimbra, num país cheio de problemas e de dificuldades, que começava a dar os primeiros passos para se aproximar da Europa. Estava a concluir, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, a primeira pós-graduação em Direito Europeu realizada em território nacional e que me levaria de seguida a França e depois até Bruxelas e Luxemburgo, de onde regresssei muitos anos depois. Havia, nessa altura, um mundo imenso à nossa frente. Mais de 30 anos depois, o mundo parece ter crescido. Mas nós aprendemos pouco...

**2** Não tenho a pretensão de saber antecipar o que possa ser Portugal ou PLMJ na década de 40. Imagino que quase tudo será completamente diferente e

que o mundo evoluirá nesses 26 anos muito mais do que nos últimos séculos. A advocacia - tal como a medicina e outros ramos do conhecimento - será um terreno fértil de experiências da chamada "inteligência artificial" e os mecanismos de comunicação e de aprendizagem que hoje conhecemos serão obsoletos. As fronteiras deixarão de fazer sentido. As sociedades estarão mais velhas, mas também mais sábias. PLMJ, tal como Portugal, continuará a ser uma marca forte. Mas quem nos visitar nesse longínquo ano de 2041 vai olhar para aquilo que temos hoje da mesma forma como nós olhamos para as pinturas rupestres em Foz Côa...



## CARLOS BARRADAS

Senior partner e managing director da Boston Consulting Group (BCG) em Portugal

**1** Aos 26 anos estava a trabalhar no meu primeiro emprego no Banco Comercial Português, na área da banca de investimento mas já a preparar a minha candidatura ao MBA que queria fazer nos EUA, para onde fui no ano seguinte por dois anos. Já nessa altura achava que era importante ter

uma visão de Portugal "visto de fora".

**2** Gostaria de ver Portugal como um dos melhores países para viver e trabalhar. Um País que fosse uma referência na inovação empresarial, científica e tecnológica, dada a qualidade de "talento" que já temos hoje, mas que temos que potenciar mais. Um país que não se acomode, e que trace a sua própria estratégia e o seu próprio plano. Mas para isso precisamos de uma nova "atitude": acreditar que podemos ser os melhores apesar de

## DUARTE DE ATHAYDE

Advogado, managing partner da Abreu Advogados

**1** Aos 26 anos era um jovem advogado, em início de carreira. Sabia que tinha um caminho a percorrer. Compreendia qual era o percurso a seguir e tinha noção que era fundamental tomar as decisões certas, porque essas iriam influenciar o meu trajecto profissional. Como tinha expectativas formadas e sonhos achei que era altura de modificar o meu trajecto na advocacia. Saí da PLMJ, onde estava há quatro anos, porque entendi que me deveria adaptar a uma nova aventura... Integrei a filial da sociedade de advogados brasileira XBB. Bastaram poucos meses para perceber que estava no local certo. A trabalhar



com o professor Alberto Xavier na abertura de um novo escritório onde acabaria por permanecer cerca de dez anos, como sócio e posteriormente como co-responsável pela gestão.

**2** Acredito que em Portugal, as próximas duas décadas, vão ser de adaptabilidade às expectativas do mercado internacional. Por isso, a Abreu Advogados vai ser uma sociedade com uma presença, completamente consolidada, nos países da CPLP e já com mais duas gerações de advogados e sócios.



Paulo Figueredo

## NUNO GALVÃO TELES

Advogado, managing partner da Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva (MLGTS)

**1** Tinha acabado o estágio e estava a começar a advogar.

**2** Como eterno optimista e crente nos portugueses e em Portugal, vejo a firma e o país no top, como sempre...!

sermos um país pequeno, acreditar que apenas dependemos de nós e podemos perfeitamente estar integrados no mundo global.



Em Portugal daqui a 26 anos, valorizar-se-á os advogados que possuam uma multiplicidade de competências voltadas para acrescentar valor ao negócio dos seus clientes. Por isso, para a Abreu Advogados projecto um futuro de valorização profissional no qual as equipas trabalharão em conjunto - como o fazem hoje - e em que se continuará a conjugar os conhecimentos científicos e técnicos com o conhecimento do mercado. E porque a Abreu Advogados procura desempenhar um papel relevante na comunidade em que se insere, irá aprofundar o seu compromisso na construção de uma sociedade baseada no desenvolvimento sustentável. Teremos robustecido, nas próximas duas décadas, a nossa actual cultura de meritocracia e continuaremos a ser imperativos em termos solidários e de responsabilidade social.



## 1 O que estava a fazer quando tinha 26 anos? / 2 Onde vê a sua empresa e/ou o país daqui a 26 anos?



### LUÍS MAGALHÃES

Partner da KPMG

**1** Quando tinha 26 anos estava a trabalhar no BPI (tax&legal) no Porto, tinha nascido a minha primeira filha e estava a participar numa das fases mais desafiantes e ricas da evolução do país.

**2** A KPMG será daqui a 26 anos aquilo que quiserem os nossos clientes e colaboradores (dentro das regras que orientarão a nossa actividade). Espero que continue na liderança do sector de actividade em que trabalhamos e que continue a ser a referência que hoje os nossos clientes e colaboradores reconhecem. Quanto ao país (e o mundo) espero que esteja mais justo e solidário, mais eficiente na repartição da riqueza e na gestão dos recursos públicos? Espero, sobretudo, que depois de tantos anos de dúvidas e hesitações, sejamos capazes de identificar um desígnio e uma visão para o papel que podemos ter na Europa e no mundo. Espero que os nossos melhores recursos humanos (sejam os jovens ou aqueles que conseguem liderar empresas de referência mundial) criem valor ca em benefício de todos nos e se sintam realizados.



### FRANCISCO MOITA FLORES

Escritor e criminalista

**1** Estava nos Açores, em comissão de serviço, no Departamento da Polícia Judiciária.

**2** Terei 88 anos, se ainda cá estiver. O país estará seguramente melhor porque as novas gerações vão saber asseá-lo depois destes momentos de inquietação e tumulto.

### JOSÉ MANUEL BERNARDO

Presidente da PwC Portugal

**1** Já lá vai algum tempo... mas, curiosamente, faz 26 anos que concluí a minha licenciatura no Instituto Superior de Gestão onde também era monitor de IT. E faz precisamente 26 anos que ingressei na PwC, na altura Price Waterhouse, a fusão com a Coopers & Lybrand seria anos mais tarde em 1998, e o meu primeiro cliente de auditoria foi o "histórico" Crédito Predial Português, já lá vão uns anos.



Paula Nunes

**2** Vejo um país e uma Europa mais envelhecidos num mundo dominado pelos países emergentes como os asiáticos e o Brasil. Vejo Portugal com uma imagem de parceiro estratégico com o reforço do eixo atlântico e com fortes ligações ao Brasil, Angola e Moçambique. Um país apostado nos serviços, nos centros de 'outsourcing', no turismo, e nos segmentos já tradicionais do calçado e têxtil fruto da qualidade design e inovação. Seremos também um país com falta de recursos em áreas tecnológicas, infelizmente, mas sem dúvida um país de oportunidades com potencial de evolução.



João Paulo Dias / Arquivo Económico

### LUÍS MAGALHÃES

Managing partner da Deloitte Portugal

**1** Aos 26 anos tinha acabado a minha formação em Economia pela Université Libre de Bruxelles e de integrar a firma de auditoria em Portugal. Tinha a determinação e convicção características da idade, com uma enorme vontade de fazer a diferença. Hoje, é mais claro para mim que esta diferença também se pode fazer dentro das organizações, pela forma como nos dedicamos aos nossos clientes e



Paulo Alexandre Coelho

### JOÃO ALVES

Country managing partner da EY em Portugal

**1** Aos 26 anos casei-me com a Dorothy, minha melhor amiga e companheira da vida. Completei também os meus estudos de "Chartered Accountant" e parti para uma nova aventura que me trouxe para Portugal, um país optimista e em crescimento.

**2** Daqui a 26 anos vou estar a gozar a vida de re-

formado rodeado de filhos e netos. Quanto ao país vai haver um Governo estável e uma classe política realmente focada no bem estar de Portugal. Portugal vai ter uma economia sólida, diferenciada pela prestação de serviços de alta qualidade, e terão regressado todos os jovens altamente qualificados que emigraram por volta de 2015. O Sporting Clube de Portugal vai ser o clube com mais títulos de campeão nacional.

prosseguimos o nosso propósito de contribuir para a sociedade e criar um impacto positivo e relevante. Nesse tempo, tal como agora, vivíamos períodos de alguma incerteza, marcados pela crise económica de 1983, que influenciou o mercado e a forma como as organizações operavam. Recordo-me dos desafios exigentes vividos nessa altura que, estou certo contribuíram para a transformações importantes nos negócios e na sociedade.

**2** Vejo um país com mais oportunidades. Um país

em que os novos talentos têm um lugar e um papel mais activo no desenvolvimento da sociedade e em que as empresas proporcionam oportunidades e os instrumentos necessários para que estas gerações possam alcançar todo o seu potencial. Vejo um país mais confiante nas suas capacidades, a retirar partido das competências das suas pessoas e inteligente na gestão dos seus recursos. Imagino um país onde será bom trabalhar, investir nas empresas e viver como só os portugueses sabem.

### FREI BENTO DOMINGUES, O.P.

Teólogo dominicano

**1** Quando tinha 26 anos já tinha seis anos na Ordem dos Pregadores e estava, muito feliz, a estudar Teologia, com os Dominicanos, em França. Fui ordenado padre com 26 em Toulouse.

**2** A Ordem dos Pregadores (Ordem Dominicana) celebra em 2015-2016, no mundo inteiro, o Jubileu de 800 anos de vida. Espero que daqui a 26 anos saiba escutar, meditar e testemunhar, ainda mais profundamente, o sentido e a beleza inesgotável da vida, da intervenção e da insur-

reição de Jesus Cristo, destruindo o endeusamento do dinheiro, fonte de todas as formas de droga e dominação. O gosto da liberdade e a energia do amor serão a luz.



João Paulo Dias / Arquivo Económico

### ANTÓNIO GENTIL MARTINS

Cirurgião pediatra

**1** Quando tinha 26 anos: partia para o Reino Unido, como bolsheiro do British Council para me aperfeiçoar em Cirurgia Pediátrica.

**2** Não consigo prever, face ao estado calamitoso de corrupção e irresponsabilidade a que chegámos após a Revolução de 25 de Abril de 1974. Mas gostaria de ver Portugal como um país livre e independente, em paz, solidário, respeitador da palavra dada, com o trabalho justamente



Paulo Alexandre Coelho

recompensado, e em que o poder e o dinheiro não sejam o valor predominante.



ID: 61611941

29-10-2015

# 26 anos

Nesta edição, comemorativa dos 26 anos do Diário Económico, 64 personalidades da vida nacional - empresários, banqueiros, políticos, diplomatas, advogados, parceiros sociais - fazem uma dupla viagem no tempo, respondendo a duas questões colocadas pelo Económico. Tempo para recordarem peripécias dos seus 26 anos e anteciparem como será Portugal em 2041.

O QUE ESTAVA A FAZER QUANDO TINHA 26 ANOS?

ONDE VÊ A SUA EMPRESA E/OU O PAÍS DAQUI A 26 ANOS?

